

Chuva mais amena no verão

MARCELO ROCHA
E NETTO COSTA

DA EQUIPE DO CORREIO

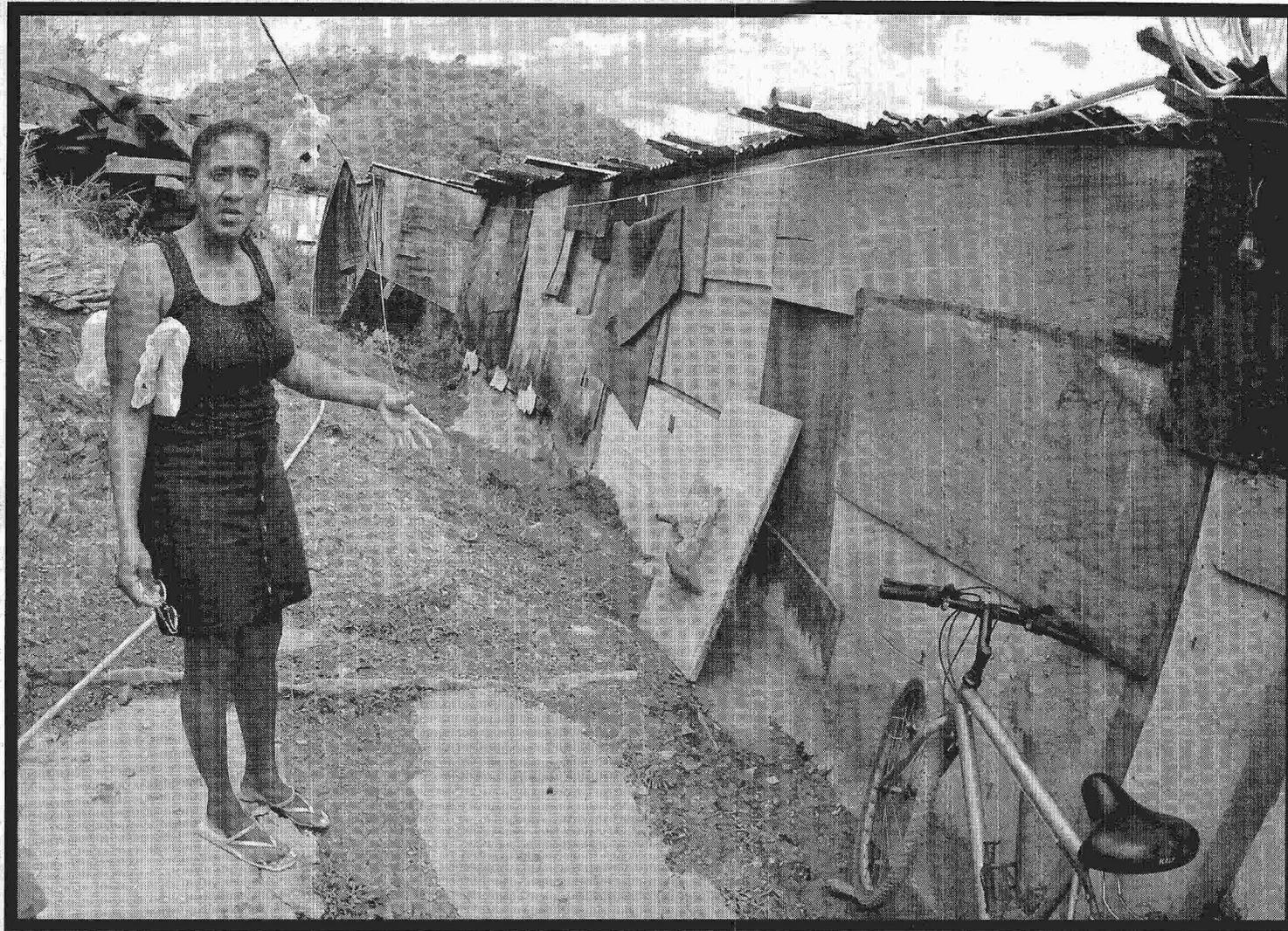
O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) prevê verão chuvoso no Distrito Federal, mas a estação que se inicia dentro de três semanas não deve repetir índices pluviométricos observados no início do ano. De acordo com o instituto, a tendência é de que a chuva em dezembro, janeiro e fevereiro acompanhe as médias históricas desses meses. Ainda assim, a Defesa Civil está de prontidão para a ocorrência de temporais e ventos fortes na capital.

O prognóstico do Inmet para hoje é de céu encoberto, com chuvas isoladas. Até domingo, o fenômeno deve se repetir. "Por enquanto, não há nada que indique chuvas acima da média em dezembro", reforçou o meteorologista Chico Alves. A média histórica do último mês do ano, que leva em consideração desde a década de 60, é de 249mm. No ano passado, o índice atingiu 190mm.

A expectativa de normalidade é reforçada pelos índices observados em novembro. O mês, que tem média histórica de 238mm, registrou valor 60% menor (96mm). A explicação dos meteorologistas para a pouca chuva no mês passado está nas camadas mais altas da atmosfera. "O comportamento dos ventos não contribuiu para a formação de nuvens", acrescenta Chico Alves.

No início da semana, o Inmet emitiu alerta sobre condições climáticas favoráveis à ocorrência de chuvas fortes no Centro-Oeste, o que mobilizou a Defesa Civil. Até ontem, porém, o instituto não registrou nada do gênero em suas estações. O serviço de meteorologia tem condições de detectar temporais e comunicar a população com até 72 horas de antecedência.

Os temporais ocorrem pelo encontro de frentes frias vindas da região Sul com massas de ar úmidas provenientes da Amazônia, provocadas pelo calor. Ao se juntarem, criam áreas de instabilidades, caracterizadas por fortes pancadas de chuvas e ventos fortes. Por enquanto,



A CASA DE EVA MORAES FICA ENCOSTADA EM UM BARRANCO, NO VARJÃO: QUANDO CHOVE, O BARRACO FICA ALAGADO E O RISCO DE DESABAMENTO É CONSTANTE

ainda não há registro no Distrito Federal da influência de fenômenos mundiais, como é o caso do *El Niño*.

Alerta geral

Com a chegada das chuvas, a Defesa Civil identificou 12 áreas de risco para moradia. Casas podem desabar pela proximidade com cursos d'água e o vento pode provocar muitos estragos. Nesses locais existem residências à beira de encostas ou de córregos, dificuldades para o escoamento de água e construções frágeis. Um esquema — com diversos setores do Governo do Distrito Federal (GDF) — foi montado para atuar em caso de emergência.

Em cada região administrativa, equipes e máquinas estão de prontidão. Houve registro de uma ocorrência em Ceilândia, há duas semanas, quando águas da chuva invadiram casas e ficaram empoeçadas no curral comunitário da cidade. Lixo e entulho, que obstruíam o sistema de escoamento das águas, foram retirados do local, resolvendo parcialmente o problema.

Para prevenir alagamentos e desabamentos a Defesa Civil

TEMPO NO DF			
Mês	Média Histórica	Quanto choveu	Varição em 2004
Outubro	172mm	173mm	+0,6%
Novembro	238mm	96mm	-60%
Dezembro	249mm		
Janeiro	241mm		
Fevereiro	215mm		

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet)

expediu alerta preventivo. São medidas que podem evitar choques elétricos, destelhamentos, mortes por raios e até garantir um acampamento seguro nessa época do ano. "A Defesa Civil pode acionar diversos órgãos para ajudar as vítimas em caso de emergência", tranquiliza o subsecretário de Defesa Civil em exercício, Cléber Rogério Pereira.

Pé do morro

Uma das situações mais preocupantes está no Varjão, onde mora o motorista João de Deus Silva Leite de Oliveira, 42 anos. Seu barraco fica no pé de um

morro e, quando chove, a enxurrada passa por dentro da residência. Além disso, na frente da casa existe um buraco de quase dois metros de profundidade, feito para passagem de um canal para escoamento das águas da chuva.

Há risco de o barranco ceder, o que provocará o desabamento da residência: "Quero sair daqui, só preciso de um lote. Não importa aonde", diz João de Deus. Ele conta que um fiscal da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh) prometeu removê-lo. "Minha vida está correndo risco, estou cansado de esperar", desabafa João de Deus.

No mesmo Varjão há pelo menos outras 40 moradias, de estruturas muito precárias, encostadas em barrancos. São casas que foram erguidas em época de seca, a qualquer custo, com pedaços de pau, madeirite, papelão, telhados de zinco e amianto. Se no período da seca o perigo de desabamento é mínimo, na época das chuvas o risco é potencializado, principalmente com a descida de trombas d'água morro abaixo.

Esse é o caso da moradia da doméstica Eva Teixeira de Moraes, 42 anos. "Moro aqui há seis anos. Nada é capaz de conter a força da água. Toda vez que chove a água invade a casa. Meu barraco está todo mofado." Assim como a maioria dos que moram nessas condições no Varjão, Eva também quer ganhar um lote. "A última vez que fui no Idhab (*hoje Seduh*) saí de lá humilhada e chorando, não acreditaram que moro no Varjão há dez anos."

O secretário de Coordenação das Administrações Regionais (Sucar), Vatanábio Brandão, é bem claro a esse respeito: "Ocupar área de risco, ao contrário do que muitos pensam, não dá direito à lote".